

BÍBLIA

Tradução do texto grego, apresentação e notas

por

FREDERICO LOURENÇO

VOLUME I

NOVO TESTAMENTO

Os Quatro Evangelhos

Apresentação da Bíblia Grega

1. Com a publicação do presente livro – contendo os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João – dá-se início a uma coleção em seis volumes que disponibilizará, pela primeira vez em língua portuguesa, a tradução integral da Bíblia Grega (Antigo e Novo Testamentos). Antes de descrever sinteticamente no que consiste a Bíblia Grega e quais são as diferenças que, no Antigo Testamento, ela apresenta relativamente à Bíblia Hebraica, convém desde já esclarecer de forma muito clara as línguas em que os livros da Bíblia foram originalmente escritos.

Em **grego** foram originalmente escritos todos os 27 livros que integram o Novo Testamento, assim como sete livros do Antigo Testamento que encontramos nas Bíblias organizadas segundo o cânone católico: Tobite, Judite, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico (Ben Sira), Baruc, 1.º Livro dos Macabeus, 2.º Livro dos Macabeus. Os restantes 39 livros do Antigo Testamento do cânone católico foram originalmente escritos em **hebraico** (com algumas frases desgarradas em **aramaico** nos livros de Génesis, Jeremias e Esdras, assim como uma secção mais relevante nesta língua no livro de Daniel).

O aspeto em que as diferentes versões da Bíblia mais divergem é no número de livros que compõem o Antigo Testamento. A Bíblia Hebraica propriamente dita (que, por razões óbvias, não tem Novo Testamento) contém 24 livros. Divididos e subdivididos de outra maneira, estes mesmos 24 livros em hebraico constituem os 39 livros do Antigo Testamento segundo o cânone protestante. Por outro lado, o Antigo Testamento segundo o cânone católico conta 46 livros (juntando aos 39 livros, originalmente escritos em hebraico, sete livros, escritos em grego). No entanto, o Antigo Testamento grego é ainda mais extenso do que o católico, uma vez que conta, no total, 53 livros: aos 46 livros do cânone católico juntam-se mais sete livros.

Em suma: a presente tradução dará a ler os 27 livros do Novo Testamento e os 53 livros do Antigo Testamento grego. Será, assim, a Bíblia mais completa que existe em português.

2. A Bíblia Grega terá nascido em Alexandria (Egito), no século III antes de Cristo, com a adaptação para grego do Pentateuco (*Torah*). Segundo uma epístola helenística, preservada em vários manuscritos e alegadamente escrita por um tal Arístes a seu irmão, Filócrates (carta depois citada por Filon de Alexandria, Flávio Josefo, Santo Agostinho, entre outros), a autoria da primeira redação grega do Pentateuco deve ser atribuída a 72 estudiosos judeus (daí a tradicional denominação *Septuaginta* ou «Bíblia dos Setenta»), reunidos no Egito para esse fim pelo rei Ptolemeu Filadelfo. Na verdade, este primeiro passo na constituição da Bíblia Grega reflete sobretudo a crescente helenização da cultura judaica da Diáspora no período helenístico (quando um número cada vez maior de judeus helenizados começou a precisar de ler as suas Escrituras naquela que era, para todos os efeitos, a sua língua – o grego).

Durante os séculos seguintes, a escritura judaica em versão helénica foi crescendo: aos Livros da Lei (Génesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuterónimo) juntaram-se os restantes 34 livros que são comuns à Bíblia Hebraica (onde esses livros se encontram organizados de outra maneira, como já referimos, já que a Bíblia Hebraica só tem 24 livros), complementados, em fase posterior, por livros que nos chegaram em língua grega por uma de duas razões: ou porque nela foram originalmente redigidos; ou porque desses escritos se perderam as versões hebraicas, pelo que, hoje, só os podemos conhecer em grego. Note-se, ainda, que livros que fazem parte da Bíblia Hebraica – como Ester e Daniel – existem na Bíblia Grega em versões bem mais completas, com material suplementar de que não conhecemos qualquer versão em hebraico.

Pelo acima exposto – e não esquecendo a sua belíssima urdidura poético-literária – a Bíblia Grega é de inestimável importância para o estudo histórico tanto do judaísmo como do cristianismo. Note-se que é a partir da versão grega do Antigo Testamento que o judeu Jesus Cristo, pela mão dos evangelistas, cita a Escritura judaica. Outro judeu, Saulo/Paulo, cujos escritos gregos podemos ler no Novo Testamento, é um profundo conhecedor da Bíblia Grega, e é com base nela que está

construída a sua teologia. Na verdade, a primeira Bíblia das primitivas comunidades cristãs foi justamente a versão grega (recorde-se que o latim só passou a ser a língua da Igreja romana a partir do final do século II, quando pela primeira vez houve um bispo de Roma falante de latim: o papa São Vítor, que morreu em 199). Para todos os padres da Igreja que escreveram em grego até ao fim da Idade Média, a Bíblia dos Setenta era, simplesmente, a Bíblia.

Mas há outro aspeto enriquecedor que faz da Bíblia Grega um livro que é fascinante conhecer: além de conter mais 14 livros do que a Bíblia Hebraica, o texto da Bíblia Grega traz-nos subtis diferenças relativamente ao texto semítico. Há várias passagens em que o texto hebraico pressuposto na versão grega não é o texto hebraico que hoje conhecemos. O texto massorético, que constitui há mil anos a nossa Bíblia Hebraica, foi estabelecido entre os séculos VII e X da era cristã. O Antigo Testamento grego reflete, por conseguinte, um texto hebraico mais antigo. Assim, ler o livro de Génesis ou o Cântico dos Cânticos na versão da Bíblia Grega é ler um texto que nos revela novas iluminações. Não é de estranhar, por isso, que, mesmo em meios da diáspora judaica no século I da nossa era (e para intelectuais judeus de comprovado discernimento como Filon de Alexandria), «a versão grega da Escritura judaica era tida como inspirada e correta em todos os aspetos e o texto dos *Septuaginta* era frequentemente considerado melhor do que o original hebraico»¹.

A adoção pelos cristãos da Escritura judaica na versão grega levou os judeus a dar primazia, a partir do século II d.C., à sua Bíblia Hebraica (mais tarde conhecida como *Miqra* ou *Tanakh*), felizmente fomentando e renovando, por esse motivo, o estudo de uma língua que tinha deixado de ser falada por muitas populações judaicas. Mas justamente porque é à cultura judaica que devemos a redação em grego da Escritura, a Bíblia Grega é um elemento fundamental para o estudo da história tanto do judaísmo como do cristianismo. Trata-se, simplesmente, de um marco da cultura universal que – pelo seu valor religioso, estético e histórico – urge conhecer.

3. Empreender uma nova tradução do Antigo e do Novo Testamentos é uma tarefa de enorme responsabilidade, e, por isso, é fundamental

¹ E.P. Sanders, Paul: *The Apostle's Life, Letters and Thought*, Minneapolis, 2015, p. 27.

esclarecer os critérios em que este trabalho assenta. Mais à frente darei conta de alguns aspetos atinentes a opções concretas que marcam a especificidade da tradução dos Evangelhos. Para já, gostaria de explicitar o principal objetivo deste projeto.

Acima de tudo, trata-se de dar a conhecer o texto bíblico num formato que, tanto no que toca à tradução como aos comentários, privilegia de forma não-doutrinária, não-confessional e não-apologética a compreensão do texto grego. É uma tradução que pretende ajudar as leitoras e os leitores a descobrirem a extraordinária riqueza das próprias palavras que constituem o texto bíblico, palavras essas que – sobretudo no caso do Novo Testamento – têm por vezes sentidos bem diferentes daqueles que se convencionou considerar obrigatórios nas traduções pensadas para serem lidas em contexto eclesial cristão.

Com todo o respeito pelo lugar próprio da leitura teológica da Bíblia no seio das várias comunidades cristãs por esse mundo lusófono fora (comunidades católicas, protestantes, evangélicas, etc.), penso que há também grande vantagem em ler a Bíblia sob um prisma que privilegia, sem a interferência de pressupostos religiosos, a materialidade histórico-linguística do texto.

Trata-se de uma tendência crescente a nível internacional: nas grandes universidades do mundo (Harvard, Yale, Princeton, Oxford, Cambridge, etc.), a Bíblia está cada vez mais presente, nos cursos de graduação e pós-graduação em Humanidades, como matéria de estudo universitário entendido sob uma forma não-religiosa. A lecionação assenta numa base crítico-histórica que, por um lado, dá aos estudantes a medida do enorme interesse cultural da Bíblia enquanto texto mais marcante da tradição ocidental (e não só), mas essa lecionação, por outro lado, não silencia os problemas, por vezes insolúveis, que a materialidade linguística do texto bíblico levanta.

É esta a minha perspetiva nas notas que aponho à presente tradução. As notas não pretendem interpretar o texto na sua extraordinária riqueza teológica (nem eu teria competência para tal); almejam, sim, explicar de forma clara e não-tendenciosa as dificuldades linguísticas que o texto grego oferece em tantos momentos. No caso dos volumes referentes ao Antigo Testamento, será também minha preocupação comentar comparativamente as versões grega e hebraica, de modo a

fazer ressaltar diferenças e complementaridades. Comum, todavia, ao Antigo e ao Novo Testamentos é a seguinte circunstância: existem muitas passagens em que temos de reconhecer que, simplesmente, não é possível saber ao certo o que o texto significa. Identificar as dificuldades e dá-las a conhecer de uma forma acessível a um leque abrangente de pessoas interessadas (daí a transliteração e tradução de todas as palavras gregas e hebraicas) é, pois, a principal finalidade das notas que acompanham a tradução.

4. Ao apresentar aqui esta nova tradução portuguesa da Bíblia, impossível seria não recordar como a tradução da Bíblia teve, em Portugal, uma história muito própria, fruto de condicionantes de vária ordem.

Enquanto país com uma ligação profunda à Igreja Católica, é natural que tivesse sido Roma a determinar os moldes em que a Bíblia podia ser lida no nosso país. Assim, até ao final do século XVIII, era proibido (e, a partir de 1537, punível em sede de Santo Ofício) ler a Bíblia em qualquer língua que não fosse o latim da Vulgata (a tradução latina das Escrituras hebraica e grega feita em final do século IV por São Jerónimo). Se João Ferreira de Almeida (o mangualdense que, no século XVII, foi o pioneiro na tradução da Bíblia para português) pôde dedicar-se à sua meritória atividade, foi porque fugiu de Portugal e abjurou o catolicismo. Tendo falecido em 1691, no Extremo Oriente, Ferreira de Almeida nunca chegou a ver publicada a sua tradução da Bíblia (de resto deixada incompleta à data da sua morte); tal publicação só ocorreria em terra estrangeira, em meados do século XVIII, nos primeiros anos do reinado de D. José. Não deixa de ser irónico que, em pleno Iluminismo, no chamado Século das Luzes, a primeira Bíblia em língua portuguesa estava proibida de circular em Portugal. De qualquer forma, o século XVIII não correspondeu a um período muito propício para a leitura individual da Bíblia em países católicos, já que, logo no seu início (em 1713), o papa Clemente XI, na bula *Unigenitus* (§§ 79, 80), estabeleceu como falsa a ideia de que todos os cristãos têm vantagem em ler a Bíblia e explicitou, ainda, que o acesso à leitura da Bíblia não deve ser outorgado a toda e qualquer pessoa.

A partir do final do século XVIII, as atitudes evoluíram dentro da própria Igreja Católica e começaram a ser admitidas traduções para língua

vernácula, mas apenas na condição de se basearem na versão latina de São Jerónimo (é o caso da tradução portuguesa da Bíblia feita pelo padre oratoriano António Pereira de Figueiredo, publicada em vários volumes entre 1778 e 1790, saindo depois a tradução completa num volume em 1821). Mas foi só em 1943, com a encíclica *Divino afflante Spiritu* do papa Pio XII, que a Igreja romana começou a incentivar abertamente que se traduzisse a Bíblia, para uso dos católicos, a partir das línguas originais. Assim, na segunda metade do século xx, o Novo Testamento foi aparecendo em Portugal em traduções feitas a partir do original grego e, no caso do Antigo Testamento, afigurou-se legitimamente prioritário traduzir a versão hebraica. O texto integral da Bíblia Grega ficou para trás. Espero, assim, que o presente projeto venha colmatar essa lacuna.

5. Finalmente, gostaria de dizer que é de forma muito reconhecida que agradeço o apoio fundamental dado a este projeto por André Nassife, Francisco José Viegas e Paulo Ferreira.

FREDERICO LOURENÇO
Coimbra, 2016.

Plano geral

VOLUME I

NOVO TESTAMENTO

Os Quatro Evangelhos

Evangelho segundo Mateus

Evangelho segundo Marcos

Evangelho segundo Lucas

Evangelho segundo João

VOLUME II

NOVO TESTAMENTO

Atos dos Apóstolos, Epístolas e Apocalipse

I. Atos dos Apóstolos

II. Epístolas

Carta aos Romanos. 1.^a Carta aos Coríntios. 2.^a Carta aos Coríntios. Carta aos Gálatas. Carta aos Efésios. Carta aos Filipenses. Carta aos Colossenses. 1.^a Carta aos Tessalonicenses. 2.^a Carta aos Tessalonicenses. 1.^a Carta a Timóteo. 2.^a Carta a Timóteo. Carta a Tito. Carta a Filémon. Carta aos Hebreus. Carta de Tiago. 1.^a Carta de Pedro. 2.^a Carta de Pedro. 1.^a Carta de João. 2.^a Carta de João. 3.^a Carta de João. Carta de Judas

III. Apocalipse

VOLUME III

ANTIGO TESTAMENTO

Os Livros Proféticos

Oseias. Amós. Miqueias. Joel. Abdias. Jonas. Naum. Habacuc. Sofonias. Ageu. Zacarias. Malaquias. Isaías. Jeremias. Baruc. Lamentações. Epístola de Jeremias*. Ezequiel. Susana*. Daniel. Bel e o Dragão*

VOLUME IV

ANTIGO TESTAMENTO

Os Livros Sapienciais

Salmos. Odes*. Provérbios. Eclesiastes.

Cântico dos Cânticos. Job. Sabedoria

de Salomão. Eclesiástico (Ben Sira).

Salmos de Salomão*

VOLUME V

ANTIGO TESTAMENTO

Os Livros Históricos

Josué. Juízes. Rute. 1.^o Livro dos Reinados (= 1.^o Livro de Samuel). 2.^o Livro dos Reinados (= 2.^o Livro de Samuel). 3.^o Livro dos Reinados (= 1.^o Livro dos Reis). 4.^o Livro dos Reinados (= 2.^o Livro dos Reis). 1.^o Livro dos Paralipômenos (= 1.^o Livro das Crônicas). 2.^o Livro dos Paralipômenos (= 2.^o Livro das Crônicas). 1.^o Livro de Esdras. 2.^o Livro de Esdras (= Livros de Esdras e de Neemias). Ester. Judite. Tobite. 1.^o Livro dos Macabeus. 2.^o Livro dos Macabeus. 3.^o Livro dos Macabeus*. 4.^o Livro dos Macabeus*

VOLUME VI

ANTIGO TESTAMENTO

Os Livros da Lei

Gênesis. Êxodo. Levítico. Números. Deuteronômio

Nota: Estão indicados com asterisco os sete livros que a Bíblia Grega acrescenta ao cânone católico.